

Estratégias de reconfiguração do espaço urbano - cidade superfície: diálogos entre arte e cidade mediados por intervenções artísticas em fachadas e muros na cidade de São Paulo

Urban space reconfiguration strategies - surface city: dialogs between art and city mediated through artistic interventions on facades and walls in the city of São Paulo

Hanns, Daniela Kutschat

Centro Universitário SENAC / FAUUSP, Brasil
dk.hanns@uol.com.br

De Marchi, Polise Moreira

Centro Universitário SENAC, Brasil
polise@uol.com.br

Abstract: *This paper discusses multiple aspects of the city through examples of artistic interventions which see the city as complex and dynamic layers in constant change. This paper investigates the spatial configuration changes of São Paulo city in material surfaces as facades and walls. The understanding of urban surfaces as “mediative’ spatiality” (Ferrara, 2008) assigns communication categories to urban surfaces; the visual condition is discussed in this paper.*

Palabras clave: Surface city, art, urban intervention, urban landscape

Introdução

O presente artigo apresenta propostas de intervenções urbanas realizadas com grafites, luminosos, dispositivos de projeção e técnicas de mapeamento videográfico (*videomapping*) na cidade de São Paulo. Entende-se que as manifestações visuais presentes na cidade fazem parte da paisagem urbana na qual, antes do advento do digital, anúncios na forma de cartazes, painéis, outdoors e luminosos já representavam camadas de imagens da cidade. O artigo versa sobre algumas das possibilidades de expressão da cidade que incluem técnicas analógicas e digitais. Entende-se que essas manifestações são ampliadores dos potenciais comunicacionais da cidade e de seus habitantes.

A cidade integra as atuais tecnologias de comunicação em complexas camadas informacionais. Nesse novo cenário, o espaço urbano é reconfigurado constantemente e não permite a diferenciação entre “material” e “imaterial”. Lidas como interfaces comunicacionais, as tecnologias de informação aplicadas a fachadas e edifícios na forma de intervenções e projeções artísticas podem auxiliar na percepção do ambiente urbano como espaço de trocas culturais em esfera pública. Entender a cidade como superfície comunicacional é considerar que aquilo a que hoje chamamos de urbano tem suas raízes em projetos

herdados de uma lógica industrial de cidade que com as tecnologias se atualiza continuamente a ponto de apresentar novos imaginários e configurações sociais.

Cidade Superfície

Atualmente a cidade tem mudado a cada instante através de ações que a transformam em superfície comunicacional. Vitrines, luminosos e outdoors, heranças da cidade industrial, convivem com interfaces eletrônico-digitais dinâmicas, marcas do contemporâneo. Se as redes de tecnologias de informação e comunicação se encontram incrustadas no espaço urbano público e privado alterando as estruturas físicas, manifestações artísticas que intervêm na arquitetura e em lugares específicos sob a forma de grafites, painéis, luminosos e projeções alteram os sentidos de cidade, inauguram novos significados que coexistem com os anteriores em camadas de informações que ativam a percepção e cognição do observador. Ambigüidades são construídas pela idéia de que seriam inserções midiáticas como outras presentes na cidade; no entanto, essas manifestações ampliam a concepção da cidade fazendo com que espaços sejam plataformas de mediação cultural e de compartilhamento de ações. Característica dessas intervenções é que ampliam

o potencial comunicativo da cidade como superfície de intervenção reduzindo a diferença entre espaço público e privado através de processos que promovem reflexão crítica sobre a própria cidade.

Para Ferrara (2008, 48) são três as categorias para estudo do espaço fenomênico e experiencial: espacialidade, visualidade e comunicabilidade. O modelo da autora prevê um arranjo combinatório entre as três para o estudo proposto. O modelo, adotado em nosso estudo, gera uma multiplicidade de possibilidades de atribuição de significados. Para tratarmos dessas várias possibilidades, estabelecemos três categorias de superfície tecnológica comunicacional. No presente artigo, abordamos uma das três categorias: a superfície visual. As outras duas categorias (superfície interativa e superfície móvel) não serão exploradas. A elaboração das três categorias visa mostrar possibilidades e variações de intervenções em fachadas e na arquitetura com meios analógicos e eletrônico-digitais em um contexto urbano atual e não reduzi-las como únicas possíveis.

Superfícies visuais

A cidade é permeada por manifestações visuais. Desde a Antigüidade a superfície arquitetônica servia de suporte para adornos, imagens e textos, uma mídia que convocava sentidos e significados. Já na cidade industrial, cartazes, luminosos e outdoors, em sua maior parte sob forma de anúncios, eram afixados em superfícies arquitetônicas como manifestação visual. No contexto contemporâneo, o alcance das ações é ampliado pelas alternativas eletrônico-digitais em conjunto com as manifestações analógicas de grafites, estêncils e stickers, entre outros.

Entre sobreposições, justaposições e substituições, a superfície da cidade se configura como espaço de mediação comunicativa tanto na escala local, como no âmbito global, uma vez que os espaços artísticos são reproduzidos e disseminados por meio da troca de imagens, vídeos e mapeamentos proporcionados por equipamentos digitais, aplicativos móveis e pela internet.

O artista Alexandre Orion tem utilizado as superfícies urbanas da cidade de São Paulo como superfícies visuais comunicativas, ora inserindo novos atributos e significados, ora fazendo aparecer novas imagens somente retirando o excesso de informação existente. Exemplo disto é o projeto Ossario [Figura 1] em que o artista ao selecionar áreas de fuligem a serem limpas, fez surgir uma seqüência de caveiras, que ao mesmo tempo em que

criava um padrão visual para as paredes do túnel Max Feffer, configurava-se como metalinguagem em que arte discutia a superfície como informação crítica à poluição promovida pelos automóveis que circulam por ali.



Figura 1: “Ossario” por Alexandre Orion. Tunel Max Feffer, São Paulo, 2006. Crédito: Alexandre Orion.

Ainda do mesmo artista, a obra Metabiótica [Figura 2] previa o “duelo entre fotografia e arte”, uma vez que as superfícies urbanas foram escolhidas como materialidades ‘mediativas’ entre a expressão decorrente do diálogo proposto entre pinturas e fachadas e, posteriormente, pelas fotografias extraídas destes contextos e expostas em espaços expositivos, que estabeleceram uma extensão do próprio sentido proposto no lugar de origem.



Figura 2: “Metabiótica” por Alexandre Orion. São Paulo, 2002. Crédito: Alexandre Orion.

Neste exemplo, a condição visual da superfície manifesta pelo suporte midiático dos muros e fachadas de edifícios acentua a multiplicidade comunicacional da cidade como meio e mensagem potencializando seu papel mediador entre visualidades que se hibridizam na materialidade urbana por meio de imagens e do imaginário coletivo.

Sobreposições de camadas comunicacionais tem reconfigurado constantemente a cidade de São Paulo. A cidade, assim como outras megalópoles, reflete intensamente as conseqüências sociais e econômicas da globalização. Ferrara (2002, 21) pondera que «a constituição de lugar depende de uma reação. De uma resposta ao plano global de caracterização urbana.» Intervenções artísticas na cidade reconfiguram «lugares» e seus sentidos. Convocam imaginários que refletem ondas de reorganização do espaço urbano.

“Hotel”, de Carmela Gross [Figura 3], luminoso que foi instalado na lateral do prédio da bienal de São Paulo durante o período da exposição de 2002, se insere na paisagem urbana disposto como um anúncio e inserida na fachada em escala para ser vista de perto ou à distância. A palavra, compreendida em todas as línguas, gera um imaginário de um lugar que não existe, de um abrigo provisório, de um espaço de passagem. A obra promove uma fissura no significado original da mostra na qual está inserida, dialoga de forma crítica com a exposição. Através dela, a exposição e suas obras são deslocadas de seu contexto original e configuram um lugar impessoal e de permanência fugaz.

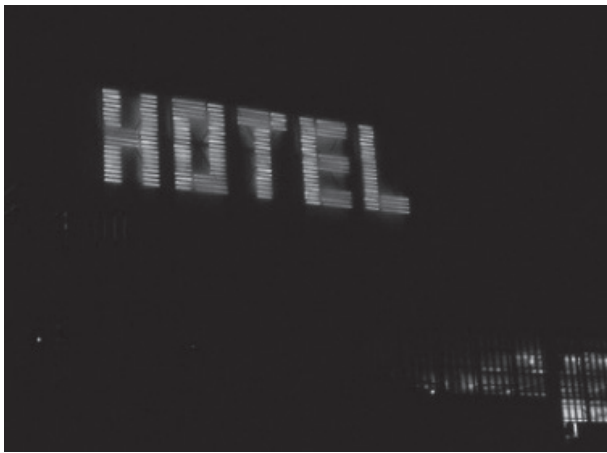


Figura 3: “Hotel”, Carmela Gross, 2002. (11,70 x 3,04) m. Intervenção com lâmpadas fluorescentes. Fachada lateral do Pavilhão Cecílio Matarazzo, Parque Ibirapuera. 25ª. Bienal de São Paulo. Crédito: João Nitsche.

“Arte/Cidade”, projeto de intervenções urbanas realizado na cidade entre 1994 e 2002, buscava espaços urbanos abandonados ou em vias de demolição para a ativação de novos sentidos e alternativas para a cidade. Em sua quarta edição, “Arte/Cidade Zona Leste”, em 2002, Carmela Gross apresentou a instalação “EU SOU DOLORES”

[Figura 4]. Uma estrutura metálica de 2.10 metros de altura e 24.95 metros de comprimento na qual estavam afixadas lâmpadas fluorescentes que formavam a frase, cortava a parte interna e externa de um andar do SESC Belenzinho, local da mostra. Nesse corte, a palavra EU ficava no lado externo, figurando como anúncio, abrindo-se para uma leitura à distância. Leitura essa de uma fala feminina, uma fala pessoal. Carregada de sentidos é lançada à escala da cidade, provocando uma extensão do privado ao público. Em um contexto urbano, o corte da parede dialoga com os rasgos resultantes de reestruturações daquele pedaço da cidade, conferindo-lhe uma identidade particular e intimista.



Figura 4: “EU SOU DOLORES”, Carmela Gross, 2002. Instalação com lâmpadas fluorescentes e estrutura metálica, (3 x 25) m. Arte Cidade Zona Leste, 4ª edição do Arte Cidade, SESC Belenzinho, São Paulo. Crédito: João Nitsche.

«Tramazul» 2011, de Regina Silveira [Figura 5], projeto de intervenção para as quatro fachadas do Museu de Arte de São Paulo, caminha em outra direção. Aplicada em vinil adesivo sobre os vidros que compõem as fachadas, a imagem de um céu azul com nuvens, virtualmente «bordado» em ponto cruz, forma uma trama azul que dialoga com o próprio céu como continuidade, reflexo, rebatimento. À distância se vê algo que não corresponde àquilo que se vê de perto. É nessa e outras ambigüidades de um potencial efêmero rijo, da possibilidade de diálogos com a arquitetura, com o lugar e com as pessoas, que a obra se manifesta. Induz a uma ruptura no olhar habitual do passante e propõe um desafio perceptivo de camadas. Essas, por sua vez, são relacionadas ao indivíduo, ao lugar e à cidade.



Figura 5: “Tramazul”, 2011, de Regina Silveira. Vinil adesivo sobre vidros. Crédito: Erico Marmioli.

Integradas à paisagem urbana, essas intervenções ativam a percepção por não serem ações de mídia e explorarem a noção de *site specific*, por um lado voltado ao contexto arquitetônico e espacial e, por outro, ao contexto urbano e local. Outras possibilidades se abrem através de intervenções tecnológicas feitas diretamente nas fachadas de edifícios em um diálogo com a própria arquitetura e história do mesmo. Um exemplo é a intervenção com *videomapping* feita pela Visualfarm, de Alexis Anastasiou, na fachada do Teatro Municipal de São Paulo [Figura 6]. Essas iniciativas tem começado a aparecer como uma nova perspectiva de acrescentar camadas tecnológicas à infraestrutura da cidade a fim de trazer-lhe novas possibilidades de interpretação e representação.



Figura 6: Projeção com videomapping na fachada do Teatro Municipal de São Paulo. Visualfarm. Crédito: Gabriela Nakamura.

Considerações Finais

O presente artigo apresentou projetos artísticos de intervenções urbanas em fachadas nas quais se evidenciam novas formas de representação por meio da cidade como

superfície. Mostrou-se que novas possibilidades de espacialidade, comunicabilidade e de expressão são abertas através de práticas de intervenção que se voltam à cultura e à arte e determinam novos usos e sentidos para os espaços das cidades contemporâneas mediados por seus muros e fachadas.

Referências

- Ferrara, L. D'A. 2002. Design em espaços. São Paulo: Rosari.
- Ferrara, L. D'A. 2008. Comunicação, Espaço, Cultura. São Paulo: Annablume.